

CABO VERDE **HISTÓRIA NATURAL** **DAS ILHAS DESERTAS**

THE NATURAL HISTORY
OF THE DESERTAS ISLANDS

Santa Luzia, Branco e Raso

FICHA TÉCNICA

Editores: Raquel Vasconcelos (CIBIO-inBIO, Universidade do Porto, IBE, CSIC – Universitat Pompeu Fabra), Rui Freitas (DECM, Universidade de Cabo Verde) & Cornelis J. Hazevoet (IICT, Jardim Botânico Tropical)

Autores: Alfredo C. Rocha, Carlos M.L. Afonso, Cornelis J. Hazevoet, Corrine Almeida, Evandro Lopes, Isabel Canto de Loura, Jorge Melo, José Melo, José J. Cabral, José F. Lopes, Juan A. Ferreira, Luis M.P. Ceríaco, M. de L. Brooke, Paul F. Donald, Raquel Vasconcelos, Ricardo Monteiro, Rui Freitas, Tommy Melo & Wolfram Lobin

Desenho e maquetização: Oceanográfica: Divulgación, Educación y Ciencia

Fotografias da capa e contracapa: René Pop

Tradução: Raquel Vasconcelos & Cornelis J. Hazevoet

Agradecimentos especiais: Apoio financeiro de GEF Small Grants Programme e Direcção Nacional do Ambiente do Ministério do Ambiente, Habitação e Ordenamento do Território

Mais informação: www.scvz.org/projects.html

D.L.: GC 109-2015

ISBN: 978-84-606-5793-4

ÍNDICE

Prefácio	4
Introdução	6
01 Geografia e geologia	14
02 Presença humana	38
03 Circulação de correntes	62
04 Biodiversidade marinha	82
05 Vegetação	120
06 Répteis terrestres	140
07 História do icónico lagarto gigante	178
08 Aves reprodutoras	206
09 A calhandra do ilhéu Raso	244
10 Espécies introduzidas e medidas de conservação	276

PREFÁCIO

A oportunidade que me é oferecida em prefaciар o livro sobre a “História Natural das ilhas Desertas” é única, pois esta obra representa a primeira grande materialização da Sociedade Caboverdiana de Zoologia, com a primeira compilação científica sobre um complexo nacional protegido único, as Reservas Naturais de Santa Luzia, Ilhéus Branco e Raso.

Este livro é uma obra importante pois consegue congregaг informações socioculturais oriundas de contribuições do cidadão-comum, com informações puramente científicas de investigadores e naturalistas sobre a ilha de Santa Luzia e os ilhéus Branco e Raso. O desafio proposto pelos autores/editores desta obra é dissecar as «Desertas» com uma visão humana, para num segundo instante, analisar alguns dos seus enigmas com olhos científicos.

Os seus autores/ editores, incansáveis estudiosos sobre diversas matérias, não se restringiram em simplesmente compilar conhecimentos, mas também sistematizaram e materializaram informações de suporte

à decisão e conservação dos recursos naturais destas áreas protegidas.

O livro bilingue (em português e inglês) conta com uma brilhante introdução geral dos editores do CIBIO-InBIO (Universidade do Porto), do IICT (Jardim Botânico Tropical de Portugal) e do DECM (Universidade de Cabo Verde).

O mérito da obra está garantido pela investigação colaborativa de um grupo de 19 autores voluntários, cabo-verdianos e estrangeiros, especialistas reconhecidos nas suas diferentes disciplinas científicas e grandes conhecedores da fauna, flora e aspectos biogeográficos de Cabo Verde. Em cerca de 300 páginas, o livro na sua primeira edição, aborda 10 capítulos que reúnem a informação disponível e actualizada da literatura com respeito à Geografia e Geologia, Presença Humana, Circulação de correntes, Biodiversidade marinha, Vegetação, Répteis terrestres, História do icónico lagarto gigante, Aves reprodutoras, Calhandra do ilhéu Raso e Espécies introduzidas e medidas de conservação deste grupo de ilhas protegidas que alberga algumas das espécies mais raras e ameaçadas do mundo. Assim, pressupõe-se uma ampla gama de leitores interessados (cientistas, naturalistas, estudantes, especialistas e grande público). Por isso, é justa a contribuição da Direcção Nacional do Ambiente a esta magnífica obra

Moisés Borges

**Director Nacional do Ambiente
(DNA, MAHOT, Governo de Cabo Verde)**

Setembro de 2015

INTRODUÇÃO

Por mais de dois séculos, as três ilhas do grupo das Desertas – Santa Luzia, Branco e Raso – têm atraído a atenção de naturalistas. Durante o final do século XVII, o explorador português João da Silva Feijó foi fundamental na aquisição dos primeiros exemplares do famoso escincídeo gigante *Chioninia* (anteriormente *Macroscincus*) *coctei*, endêmico das Desertas e agora considerado Extinto (ver Capítulo 7). Inicialmente, a descoberta desta criatura notável não causou muita emoção, como demonstrado pela falta de acompanhamento após a chegada dos espécimes de Feijó ao Real Gabinete da Ajuda em Lisboa. Somente décadas depois, em 1839, quando grande parte das colecções da Ajuda tinham sido “transferidas” para o *Muséum National d’Histoire Naturelle* em Paris, a nova espécie foi finalmente descrita e nomeada.

O século XIX foi a época das grandes expedições de história natural em todo o mundo e, após as publicações acerca do escincídeo gigante por zoólogos franceses se tornar mais conhecida, a maioria das expedições que passavam pelas ilhas de Cabo Verde tentaram obter espécimes do animal. No final do século, isso culminou

num frenesim de colheitas resultando em centenas de lagartos gigantes a serem enviados para os museus europeus e colecionadores privados. Durante os últimos 100 anos de secular existência, o escincídeo gigante não só sofreu devido às actividades de colheita excessivamente zelosas por parte de europeus, mas também devido aos habitantes locais que fizeram sentir o seu impacto. A pele do escincídeo foi utilizada localmente na fabricação de sandálias, enquanto que a gordura foi aplicada em vários usos pseudomedicinais. Além disso, o governo colonial por vezes usou o Branco (Fig. 1) como um lugar para desterrar “foras-da-lei”, que foram abandonados no ilhéu sem comida e que tiveram que se defender sozinhos nesse ambiente estéril, sendo a carne dos lagartos gigantes um dos limitados meios de sobrevivência. Os últimos exemplares de *C. coctei*

Figura 1 Branco. Visão rara do ilhéu verdejante depois das chuvas. Fotografia de Rubén Barone



foram colhidos durante a primeira década do século XX. Em 1916, nenhum poderia mais ser encontrado tanto no Branco como no Raso. Apesar de rumores sobre a continuada existência do escincídeo terem persistido ao longo do século XX, provas conclusivas nunca foram obtidas. Hoje em dia, a fauna de répteis terrestres das Desertas consiste em três espécies de osgas e uma espécie de escincídeo pequeno (ver Capítulo 6).

Outra descoberta que atraiu muita atenção do mundo zoológico foi feita em 1897, quando o ornitólogo britânico Capitão Boyd Alexander, durante uma visita ao Raso (Fig. 2), verificou que o ilhéu era habitado por uma espécie de calhandra até então desconhecida para a ciência

Figura 2 Raso. Linha de costa do ilhéu depois das chuvas. Fotografia de Rubén Barone



(ver Capítulo 9). Um ano após a sua descoberta, foi descrita e nomeada *Spizocorys* (agora *Alauda*) *razae*. Embora bastantes exemplares desta ave tenham sido colhidos ao longo dos anos para museus na Europa e América do Norte, o destino da mesma foi menos trágico que o do desafortunado escincídeo gigante. Apesar da população total de calhandras no Raso ter atingido por vezes níveis perigosamente baixos, a espécie tem mostrado ser notavelmente resiliente. De facto, a população atingiu números máximos recordes durante os últimos anos, demonstrando ser uma verdadeira ave do deserto, sujeita a flutuações dramáticas no tamanho populacional em resposta às condições ambientais predominantes, principalmente à quantidade sazonal de chuvas. Embora tenha sido alegado que a *A. razae* tenha ocorrido no passado também nalgumas das ilhas vizinhas, são aguardadas ainda as análises detalhadas das evidências paleontológicas. Em todo caso, presentemente a *A. razae* só ocorre no pequeno ilhéu Raso, onde a sua biologia tem sido estudada em detalhe por uma equipa internacional de investigadores nos últimos anos.

Continuando no âmbito das aves, um outro aspecto ainda da história natural das Desertas que tem chamado muita atenção dos zoólogos internacionais ao longo dos anos é a enorme quantidade de aves marinhas que se reproduzem nestas ilhas (ver Capítulo 8). Das cinco espécies de cagaras e petréis, a cagarra de Cabo Verde *Calonectris edwardsii* é a mais numerosa. Foi nomeada em homenagem a Alphonse Milne-Edwards, líder da expedição francesa do *Talisman* que trabalhou nos mares de Cabo Verde durante 1883, quando o espécimen tipo foi colhido no ilhéu Branco. Ao longo dos séculos, esta cagarra foi



Figura 3 Santa Luzia. Visão rara da ilha verdejante depois das chuvas. Fotografia de Rubén Barone

perseguida incessantemente pelos pescadores locais, que vinham ao Branco e Raso em Outubro, perto do final da época de reprodução, para levar o seu pedágio anual de milhares de gordos filhotes, deixando para trás enormes pilhas de penas e outras partes dos corpos como testemunhas silenciosas das suas práticas mortais. Outras aves marinhas que se reproduzem no Raso, como o alcatraz *Sula leucogaster* e o rabo-de-junco *Phaethon aethereus*, também têm sido rotineiramente massacrados em grandes números por centenas de anos deixando-nos com apenas restos lamentáveis do que uma vez deverão ter sido colónias gloriosas e imponentes.

Enquanto que os ilhéus Raso e Branco – nenhum dos quais foi alguma vez habitado – ainda mantêm populações importantes de aves marinhas, o destino daquelas que outrora existiam na ilha de Santa Luzia (Fig. 3) tem sido menos bom. Logo no início da história da colonização das ilhas de Cabo Verde, um grande número de cabras foram libertadas na ilha, o que teve um efeito devastador sobre a vegetação original, presumivelmente frágil (ver Capítulo 5). Além disso, as cabras pisotearam

os buracos de nidificação das espécies menores de petréis, resultando num total abandono da ilha por essas intrigantes criaturas. Até meados dos anos 1960, Santa Luzia era habitada por uma família de cabreiros, que só poderia ganhar parcamente a vida na ilha (ver Capítulo 2). Conjuntamente com os habitantes humanos vieram os mamíferos comensais habituais, tais como ratos, que por sua vez era suposto serem mantidos sob controle pelos gatos introduzidos. Como em muitas ilhas no resto do mundo, o resultado dessas introduções tem sido desastroso (ver Capítulo 10). Depois dos gatos terem ajudado a liquidar os lagartos gigantes em Santa Luzia, voltaram a sua atenção para as aves marinhas, as quais foram, provavelmente, também exploradas pelos habitantes humanos. Hoje, extensas camadas de ossos de petrel esbranquecidos são tudo o que resta das colónias de aves marinhas outrora monumentais. Nos últimos anos, tem vindo a ser implementado em Santa Luzia um programa de erradicação dos gatos assilvestrados, que esperemos que traga de volta algum tipo de estabilidade e normalidade para a fauna terrestre, e abra o caminho para a renovação do estabelecimento de aves marinhas reprodutoras na ilha. Se isso realmente acontecer, irá certamente exigir um compromisso de longo prazo por parte daqueles que gerem o desenvolvimento económico na ilha. No Outono de 2012, um pequeno número de pedreirinhos foram registados a visitar certas encostas em Santa Luzia e espera-se que este seja o primeiro sinal de um futuro melhor para a vida selvagem da ilha.

Até agora, olhámos apenas para a fauna que ocorre na superfície das ilhas. No entanto, um imenso novo mundo novo encontra-se perante os nossos olhos quando en-

tramos no mar e observamos a vida marinha que vive ao longo das costas das Desertas. Uma abundância de peixes tropicais, alguns dos quais espectacularmente coloridos, corais, medusas, moluscos e outros invertebrados parecem estar em toda a parte numa exibição impressionante de diversidade (ver Capítulo 4). Mais ao largo, existem baleias, golfinhos e tartarugas marinhas, estas últimas também vindo para terra para pôr os seus ovos. Partes desta riqueza da vida marinha foram já estudadas durante algumas das grandes expedições da Europa do século XIX. Hoje, tornou-se foco de estudo de um jovem e entusiasmado grupo de biólogos locais recém-chegados a trabalhar na Universidade de Cabo Verde e no Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas em São Vicente, bem como de ONGs locais. O aumento de biólogos locais dedicados, que não só estudam as comunidades marinhas e terrestres, mas também consideram a protecção destas como um dos objectivos importantes, constitui um desenvolvimento mais animador e bem-vindo. Sem a participação de biólogos locais, o futuro dos recursos naturais destas ilhas não pode ser assegurado.

Depois de ter sofrido uma história atribulada ao longo dos últimos 500 anos, durante os quais grande parte da vida selvagem peristina se perdeu, as ilhas de Santa Luzia, Branco e Raso foram declaradas por lei Reservas Naturais em 1990 (ver Capítulo 1). Somente nos últimos anos, esta decisão se tornou mais amplamente conhecida e aceite entre a população geral das ilhas de Cabo Verde. Isto foi em grande parte devido aos esforços incansáveis de um punhado de naturalistas locais dedicados, tanto amadores como profissionais, que repetidamente clamaram que fossem tomadas medidas de protecção mais

eficazes de modo a preservar, e, sempre que possível restaurar, a fauna e a flora das três ilhas que formam as Desertas. Como em qualquer lugar, o interesse público por questões ambientais em geral está em ascensão em Cabo Verde nos dias de hoje, e ainda bem. É nosso dever garantir que os nossos filhos e netos venham a viver num mundo em que a beleza natural esteja disponível para todos e onde empreender estudos acerca do mundo natural esteja ao alcance de todo o bom cidadão que a tal esteja disposto. Assim, no sexto ano desde a sua fundação em 2009, e graças a um projecto da Global Environment Facility (GEF) de um programa de pequenas bolsas (CPV/SGP/OP5Y1/CORE/BD/11/13), a Sociedade Caboverdiana de Zoologia orgulha-se de apresentar este livro sobre a História Natural das Desertas. Espera-se que o presente trabalho venha estimular o interesse e a valorização do maravilhoso mundo da fauna e flora destas ilhas e, desta forma, também a causa para a protecção e preservação dos recursos naturais das mesmas, algo que lhes tem sido negado por há demasiado tempo.

Os editores

01

GEOGRAFIA E GEOLOGIA

Rui Freitas^a, Cornelis J. Hazevoet^b & Raquel Vasconcelos^{c, d}

^a Departamento de Engenharias e Ciências do Mar, Universidade de Cabo Verde, CP 163, Mindelo, São Vicente, Cabo Verde.

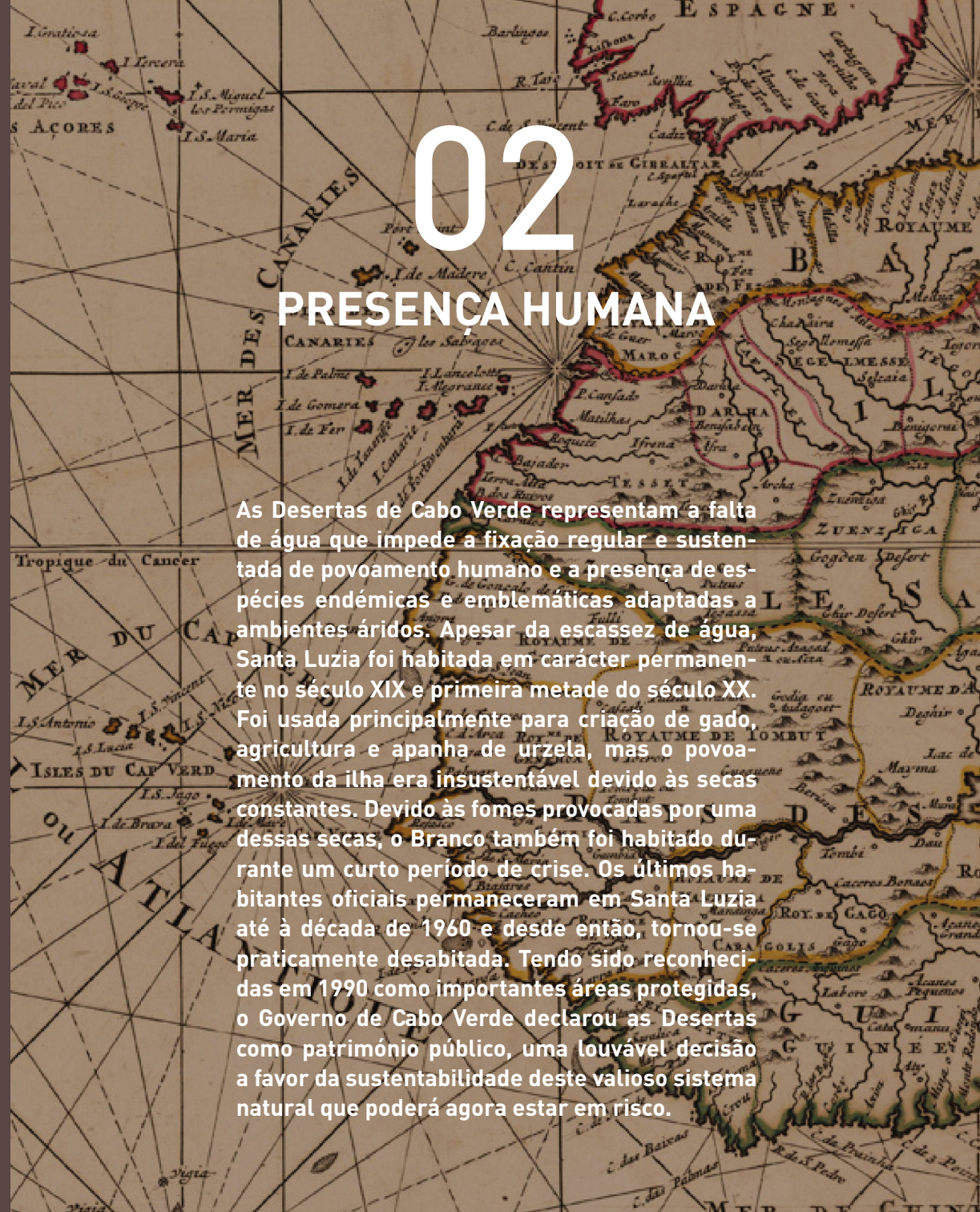
^b Instituto de Investigação Científica Tropical/ Jardim Botânico Tropical, Zoologia, Rua da Junqueira 14, 1300-343 Lisboa, Portugal.

^c CIBIO, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos InBIO Laboratório Associado, Universidade do Porto, Campus Agrário de Vairão, R. Padre Armando Quintas, 4485-661 Vairão, Portugal.

^d Institut de Biologia Evolutiva (IBE), Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Universitat Pompeu Fabra (CSIC-UPF), Passeig Marítim de la Barceloneta, 37-49, E-08003 Barcelona, Spain.

rui.freitas@docente.unicv.edu.cv
cjhazevoet@gmail.com
raquel.vasconcelos@cibio.up.pt

Neste capítulo é apresentada e discutida a geologia e geografia (incluindo topografia e batimetria) das Desertas. O conhecimento da formação geológica de Santa Luzia, Branco e Raso ainda é limitado, devido à escassa investigação que tem sido efectuada. As Desertas, tal como as outras ilhas do arquipélago de Cabo Verde, são de origem vulcânica e provavelmente do Mioceno Superior. A topografia e toponímia de cada uma das três unidades que constituem as Desertas são descritas, tal como as condições climáticas prevalentes. Trabalhos recentes em cartografia e batimetria aumentaram significativamente o conhecimento do ambiente físico deste grupo insular. No entanto, é ainda necessário muito trabalho em todos estes campos a fim de obter uma imagem adequada da geologia e geografia das Desertas, trazendo o conhecimento ao nível que auxiliaria a melhor compreender a biodiversidade destas Reservas Naturais.



Jorge Melo^a, José Melo^b, José J. Cabral^c & Isabel Canto de Loura^d

^a Associação Amigos do Calhau, CP 237 Mindelo, Cabo Verde.

^b Biosfera I – Associação para Defesa do Meio Ambiente, CP 233 Mindelo, Cabo Verde.

^c Museu da Pesca a/c Fábrica SUCLA, Av. António Assis Cadório, Tarrafal de São Nicolau, Cabo Verde.

^d Regents University London, Inner Circle, Regents Park, London NW1 4NS, England.

jorgemelocalhau@gmail.com
zcnmelo@gmail.com
jjcabral2000@yahoo.com.br
cantodl@regents.ac.uk

As Desertas de Cabo Verde representam a falta de água que impede a fixação regular e sustentada de povoamento humano e a presença de espécies endémicas e emblemáticas adaptadas a ambientes áridos. Apesar da escassez de água, Santa Luzia foi habitada em carácter permanente no século XIX e primeira metade do século XX. Foi usada principalmente para criação de gado, agricultura e apanha de urzela, mas o povoamento da ilha era insustentável devido às secas constantes. Devido às fomes provocadas por uma dessas secas, o Branco também foi habitado durante um curto período de crise. Os últimos habitantes oficiais permaneceram em Santa Luzia até à década de 1960 e desde então, tornou-se praticamente desabitada. Tendo sido reconhecidas em 1990 como importantes áreas protegidas, o Governo de Cabo Verde declarou as Desertas como património público, uma louvável decisão a favor da sustentabilidade deste valioso sistema natural que poderá agora estar em risco.

03

CIRCULAÇÃO DE CORRENTES

Os dados obtidos por satélite são muito úteis para compreender os padrões de grande escala das correntes oceânicas, mas carecem de resolução temporal e espacial adequadas às escalas físicas em torno de ilhas pequenas como Santa Luzia. Esta limitação pode ser superada pela aplicação de modelos hidrodinâmicos regionais, com alta resolução horizontal e temporal, como o que é apresentado neste trabalho com a finalidade de explorar a hidrodinâmica ao redor da ilha de Santa Luzia. Os resultados revelam que a maré influencia decisivamente o padrão de correntes na área de estudo. Fortes correntes de maré foram observadas nos canais entre São Vicente – Santa Luzia e Santa Luzia – e o Ilhéu Branco, em conjunto com uma ampla zona de recirculação na costa Norte e Sul de Santa Luzia. Conclui-se que os modelos hidrodinâmicos permitem a compreensão das características gerais da área de estudo, nomeadamente a identificação de áreas sensíveis. Com este estudo enfatiza-se ainda a importância das observações sistemáticas *in situ* para o conhecimento do regime hidrodinâmico a pequenas escalas.

José F. Lopes^{a,b}, **Juan A. Ferreira**^{a,b} & **Alfredo C. Rocha**^{a,b}

^a CESAM, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal.

^b Departamento de Física, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal.

jflopes@ua.pt

juan@ua.pt

alfredo.rocha@ua.pt

04

BIODIVERSIDADE MARINHA

**Corrine Almeida^{a,b}, Rui Freitas^a, Evandro Lopes^{a,b},
Tommy Melo^c & Carlos M.L. Afonso^d**

^a Departamento de Engenharias e Ciências do Mar, Universidade de Cabo Verde, CP 163, Mindelo, São Vicente, Cabo Verde.

^b Centro de Observação e Investigação Ambiental, São Vicente, Cabo Verde.

^c Biosfera I — Associação para Defesa do Meio Ambiente, CP 233 Mindelo, São Vicente, Cabo Verde.

^d Centro de Ciências do Mar (CCMAR), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas 8005-139 Faro, Portugal.

corrine.almeida@docente.unicv.edu.cv
rui.freitas@docente.unicv.edu.cv
evandro.lopes@docente.unicv.edu.cv
tommymelo@hotmail.com
cmlafonso@ualg.pt

O arquipélago de Cabo Verde é considerado um dos dez pontos quentes da biodiversidade marinha mundial. As ilhas Desertas constituem a maior Área Protegida de Cabo Verde que engloba também uma vasta orla marinha. A diversidade de organismos marinhos desta reserva é elevada, embora esteja ainda pouco estudada pela comunidade científica. Campanhas exploratórias recentes demonstraram que as macroalgas e as algas coralinas dominam os fundos marinhos de Santa Luzia. Relativamente aos invertebrados, os moluscos gastrópodes constituem o grupo melhor conhecido. No que respeita aos vertebrados, os peixes recifais costeiros de Santa Luzia estão a ser inventariados, tendo sido registadas até ao momento quase 70 espécies. Na orla marítima são comuns avistamentos de cetáceos e de tartarugas-marinhas que nidificam nas Desertas.

05

VEGETAÇÃO

Uma lista das plantas introduzidas e nativas que ocorrem em Santa Luzia, Branco e Raso é detalhada por ilha. Informação acerca da ecologia, distribuição, considerando a variação altitudinal, e *habitats* de ocorrência das espécies de plantas é também fornecida. Algumas fotografias das espécies mais relevantes são apresentadas. A falta de conhecimento relativamente à flora do Branco é evidente e explicada pelo difícil acesso a este. Devem ser feitos esforços de forma a melhorar o conhecimento acerca das espécies e distribuições das mesmas em toda a área de ocorrência destas áreas protegidas de modo a que planos de conservação possa ser desenhados.

Wolfram Lobin

Botanische Gärten der Universität Bonn, Meckenheimer Allee
171, D-53115 Bonn, Germany.

wlobin@uni-bonn.de

06

RÉPTEIS TERRESTRES

Todas as espécies de répteis terrestres que ocorrem nas Desertas são endémicas de Cabo Verde. Os nomes comuns e científicos, a posição taxonómica, uma descrição geral, *habitat*, ecologia, estatuto de conservação nacional e internacional, ameaças e medidas de conservação são detalhados para cada espécie. São ainda apresentados mapas de distribuição e fotografias de cada espécie. Nenhuma espécie exótica de réptil chegou a este grupo de ilhas ainda, mas a presença de predadores introduzidos é preocupante, bem como os possíveis efeitos das mudanças climáticas, da seca, da falta de conhecimentos básicos e sensibilização acerca das espécies, e da ausência de planos de gestão.

Raquel Vasconcelos ^{a, b}

^a CIBIO, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos InBIO Laboratório Associado, Universidade do Porto, Campus Agrário de Vairão, R. Padre Armando Quintas, 4485-661 Vairão, Portugal.

^b Institut de Biologia Evolutiva (IBE), Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Universitat Pompeu Fabra (CSIC-UPF), Passeig Marítim de la Barceloneta, 37-49, E-08003 Barcelona, Spain.

raquel.vasconcelos@cibio.up.pt

08

AVES REPRODUTORAS

As Desertas, especialmente os ilhéus Raso e Branco, devem muito da sua fama à presença de importantes colónias de aves marinhas e da calhandra endémica do Raso *Alauda razae* (cuja história natural é descrita noutra parte deste livro). O presente capítulo trata da distribuição, ecologia, estatuto de conservação e ameaças de sete aves marinhas e 10 das outras aves terrestres que se reproduzem nas Desertas. Também são apresentadas fotografias de cada espécie. As aves migrantes visitantes e de presença ocasional não são discutidas.

Cornelis J. Hazevoet

Instituto de Investigação Científica Tropical / Jardim Botânico Tropical, Zoologia, Rua da Junqueira 14, 1300-343 Lisboa, Portugal.

cjhazevoet@gmail.com

09

A CALHANDRA DO ILHÉU RASO

A calhandra do ilhéu Raso tem sido uma das mais raras e ameaçadas aves do mundo. Investigações recentes demonstraram que a espécie exibe algumas fascinantes particularidades comportamentais e ecológicas. Recentemente, a população tem crescido notavelmente e o forte viés para machos desapareceu. O efectivo populacional está correlacionado com a precipitação, e este deve ter caído para níveis extremamente baixos no passado durante as longas secas periódicas. Os machos diferem das fêmeas na estrutura do bico e comportamento alimentar, representando possivelmente uma adaptação para reduzir a competição entre os sexos num ambiente hostil. O sucesso de nidificação é por vezes muito baixo, devido à elevada predação de ovos. Apesar disso, a espécie consegue manter-se graças à ausência de mamíferos predadores introduzidos que infestam as ilhas vizinhas. São necessárias medidas urgentes para assegurar a sobrevivência a longo prazo deste notável sobrevivente.

M. de L. Brooke^a & Paul F. Donald^b

^a ^b Department of Zoology, University of Cambridge, Downing Street, Cambridge CB2 3EJ, UK.

^b Royal Society for the Protection of Birds RSPB, The Lodge, Sandy, Bedfordshire SG19 2DL, UK.

m.brooke@zoo.cam.ac.uk
Paul.Donald@rspb.org.uk

10

ESPÉCIES INTRODUZIDAS E MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO

Evandro Lopes^{a, b} & Ricardo Monteiro^c

^a Departamento de Engenharias e Ciências do Mar, Universidade de Cabo Verde, CP 163, Mindelo, São Vicente, Cabo Verde.

^b Centro de Observação e Investigação Ambiental, São Vicente, Cabo Verde.

^c Programa das Pequenas Subvenções às Organizações da Sociedade Civil (GEF Small Grants Programme), Escritório Comum do PNUD, UNFPA, e UNICEF, CP 62, Praia, Santiago, Cabo Verde.

evandro.lopes@docente.unicv.edu.cv
ricardoml@unops.org

Na ilha de Santa Luzia e nos ilhéus Branco e Raso foi introduzido ao longo da colonização humana de Cabo Verde um considerável número de espécies exóticas. Algumas dessas espécies, como as cabras, sucumbiram devido às condições climáticas adversas, enquanto outras, tais como gatos, ratos e formiga do fogo, mantiveram-se alimentando-se das espécies endémicas ou nativas. Neste capítulo são apresentadas algumas acções importantes a serem desencadeadas para a conservação da biodiversidade das Desertas. São apresentados ainda alguns estudos realizados para dar a conhecer aspectos da geologia, fauna e flora, tanto terrestre como marinha, deste grupo insular.

